



# BRASÍLIA-DF

por Denise Rothenburg » deniserothenburg.df@dabr.com.br



## Prioridade

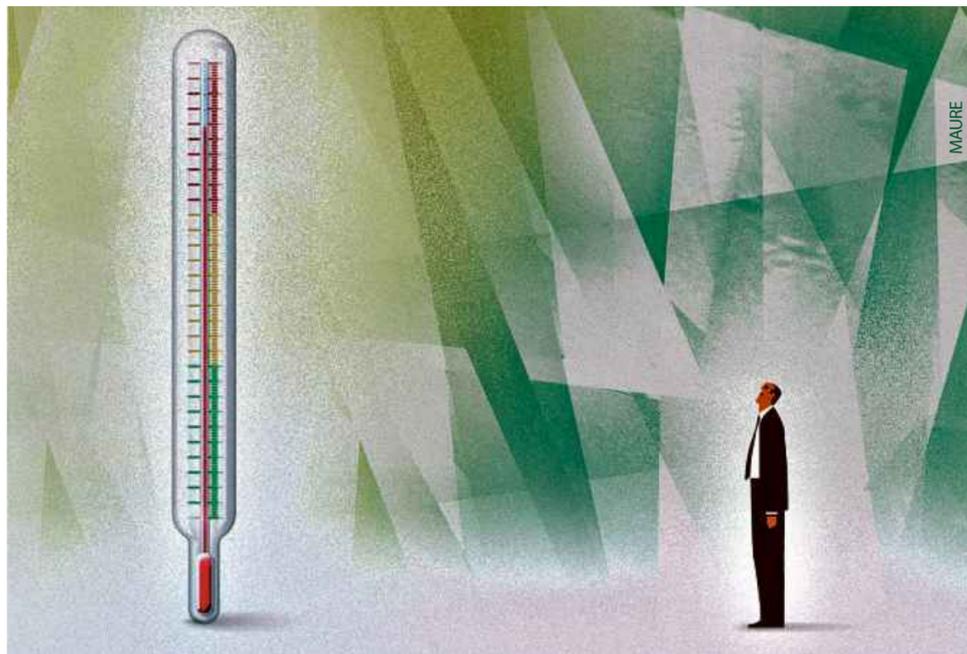
Enquanto a turma de coronéis da reserva espalha mensagens de WhatsApp tentando mobilizar para o ato de 7 de setembro, os ministros políticos do governo centram suas atenções nas conversas em prol da reforma tributária. Os deputados estão desanimados. Há uma forte pressão para reduzir a taxa de lucros e dividendos de 20% para 15%, mas o Ministério da Economia não arreda o pé.

## Ministros perdem a batalha

Quem mais queria o veto às emendas de relator ao Orçamento de 2022, as RP9, era a equipe de primeiro escalão do presidente Jair Bolsonaro. Internamente, muitos reclamam que esses pedidos do relator-geral da lei orçamentária levam os recursos destinados às obras prioritárias para o Poder Executivo.

## Não vai sobrar nada

Além das emendas RP9, os deputados levam ainda recursos para as emendas individuais e de bancada. E, no ano que vem, ainda terá o fundo eleitoral, ao qual os parlamentares pretendem destinar R\$ 4 bilhões.



## O termômetro da semana

A sabatina do procurador-geral da República, Augusto Aras, é vista no Planalto como o termômetro de como o governo será tratado no plenário do Senado. Isso porque, até o momento, o único colegiado que tem servido para que os governistas sintam a temperatura é a CPI da Covid, onde os aliados e os “independentes” estão em minoria. Na Comissão de Constituição e Justiça, porém, o jogo é considerado mais equilibrado, e as falas dos senadores, hoje, darão o tom do que o governo pode esperar para a reta final de 2021.

Não darão, porém, para medir as chances do ex-advogado geral da União André Mendonça ser aprovado para o Supremo Tribunal Federal (STF). A avaliação é a de que, depois do pedido de impeachment de Alexandre Moraes, o governo terá que refazer todo o jogo por ali.

### Escolha uma ou duas, por favor

Em conversas reservadas, alguns ministros têm dito que Jair Bolsonaro precisará escolher entre as crises que deseja manter e aquelas que precisa urgentemente tirar de cena num curto espaço de tempo. Até aqui, o presidente parece não desistir de Alexandre de Moraes nem do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

## CURTIDAS

**Espaço político.../... não fica vazio.** A reunião dos governadores, neste momento em que Bolsonaro mantém a tensão entre os Poderes, ganha ares de fórum permanente para discussão dos problemas nacionais. Quanto mais o presidente continuar na linha do tensionamento, mais importância esse colegiado ganhará.

**Vejam os/** A expectativa do Planalto era de que, antes de uma reunião dos governadores com o presidente, houvesse uma conversa prévia com ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (foto), a fim de delimitar a pauta. Embora Bolsonaro não dê trégua aos estados quando se refere à gestão da pandemia, ele não quer que a reunião vire alvo de críticas ao seu governo.

Marcos Oliveira/Agência Senado



**Doria faz escola/** O afastamento do coronel Aleksander Lacerda por causa de posições políticas em redes sociais, que poderia levar ao risco da indisciplina, fará com que outros governadores passem um pente-fino nas Polícias Militares. A preocupação é grande com a politização dos batalhões das PMs.

**Passado e presente/** Os petistas viram na foto do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva com o senador Tasso Jereissati (PSDB) o maior troféu da viagem ao Ceará. Enquanto estava no governo, a prioridade de Lula era derrotar Tasso. Agora, é dialogar com o grã-tucano, de olho no futuro.

**Easy rider/** Do alto de seus 72 anos, o general Paulo Chagas chamou a atenção no estacionamento do Correio Braziliense. Ele chegou para participar do CB.Poder pilotando uma Honda Gold Wing. O motociclismo é uma das paixões do general.

**PODER /** Governadores aproveitam reunião em Brasília para criar consórcio para defesa dos biomas e se descolarem da gestão do governo federal. Proposta ganhou a adesão porque há a preocupação com o descumprimento das metas previstas no Acordo de Paris

# Unidos pelo meio ambiente

Os governadores reunidos em Brasília, ontem, decidiram criar um consórcio dos estados para que sejam tomadas ações em defesa dos biomas do país e fazer um contraponto à problemática gestão do governo federal para o meio ambiente. A ideia foi aceita pelo Fórum dos Governadores, que pode ser batizado com a marca Brasil Verde ou Green Brazil — por sugestão do governador de São Paulo João Doria.

“Quando sugeri o Brasil Verde ou Green Brazil foi exatamente para termos uma marca forte que diferencie os governadores da política ambiental do

país, que é um desastre. Não precisamos nem discorrer sobre isso. E cria um brand, cria uma marca forte para os entendimentos com as instituições internacionais que verão nisso um gesto muito positivo dos governadores na defesa do pacto federativo e na defesa ambiental”, avaliou Doria.

Segundo o governador Renato Casagrande (ES), autor da proposta, “a discussão das questões climáticas vai ter cada vez mais importância. O Brasil tem um potencial muito grande e nós temos uma capacidade grande de fazer uma articulação para captar recursos para os nossos projetos.

Queremos fazer uma imagem diferenciada. Hoje a imagem do Brasil é muito ruim”.

Segundo o governador do Piauí, Wellington Dias a meta do consórcio é cumprir o Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas. Isso porque o Brasil registra cada vez mais recordes de desmatamentos: de acordo com o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a Amazônia Legal perdeu 10.476 km² de floresta entre agosto de 2020 e julho de 2021, meses em que se mede a temporada do desmatamento. A taxa é 57% maior do que aquela registrada na temporada passada, além de ser a pi-

or dos últimos 10 anos.

Apenas em julho, o Imazon aponta que foram desmatados 2.095 km² da floresta, uma área maior que a capital de São Paulo, o pior dado para o mês de julho já registrado nesta década. Cerca de 63% do total desmatado ocorreu em áreas privadas ou sob diversos estágios de posse.

“O objetivo é ter uma gestão competente, capaz de trabalhar captação de recursos, recursos dos estados, do Brasil, captados dentro e fora do país, do setor privado. Tudo isso para um plano em que o Brasil possa contribuir na mitigação dos efeitos das mudanças climáticas. É o

nosso compromisso com o Acordo de Paris”, garantiu Wellington.

Por conta da falta de medidas mais efetivas da parte do governo Bolsonaro para a conservação do meio ambiente, o país tem tudo para não conseguir nem mesmo cumprir a meta — prevista no Acordo de Paris — para a redução do desmatamento na Amazônia. Neste mês, o vice-presidente Hamilton Mourão admitiu que a diminuição do desmate deve ficar na faixa de 4% a 5%, e não em 10%, como calculara. (Colaborou Luana Patriolino)

» Leia mais na página 6

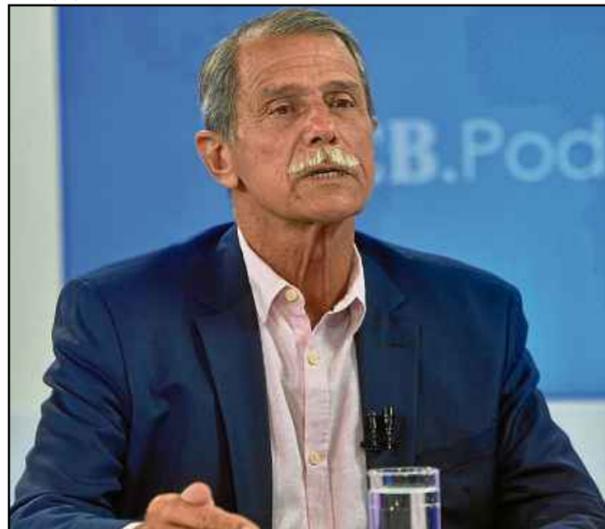


foram desmatados da floresta amazônica somente em julho, conforme dados levantados pelo Imazon

## CB.PODER

# General vê bravatas sobre o 7 de setembro

Ed Alves/CB/D.A Press



Chagas acredita que FAs podem estimular diálogo para estancar crise

» JOÃO VITOR TAVAREZ\*

O general Paulo Chagas, ex-candidato ao governo do Distrito Federal, não acredita em qualquer possibilidade de fechamento do Congresso ou do Supremo Tribunal Federal (STF) por grupos de bolsonaristas radicais no próximo 7 de setembro. A avaliação foi feita, ontem, em entrevista ao CB.Poder, parceria entre o Correio Braziliense e a TV Brasília. Segundo ele, há muita bravata e discurso inflamado na redes sociais por parte dos apoiadores do presidente da República.

“É pior o silêncio do lobo do que o latido do cão”, comparou Chagas. Por latido do cão, entenda-se a gritaria por conta das recentes decisões do ministro Alexandre de Moraes, que alcançara, o presidente do PTB, Roberto Jefferson, o cantor

sertanejo Sérgio Reis e outros que vinham propondo gestos extremos contra o Congresso e STF. “Não acredito que irá acontecer”, apostou o militar da reserva.

Para Chagas, a melhor solução contra a crise institucional fomentada por Bolsonaro é o diálogo. “E se ninguém fizer isso, penso que as instituições mais vocacionadas para mediar conflitos são as Forças Armadas. É como se elas fossem o lado fiel da balança, e, por isso, podem estimular o diálogo. Se a desordem tomar conta do Brasil, a missão cairá nas mãos das FAs, que vão estabelecer a lei e ordem, conforme prevê a Constituição”, explicou.

Segundo o general, os militares devem ser imparciais, razão pela qual não devem tomar partido nas brigas da República. Ele se mostrou contrário à politização da caserna,

tal como Bolsonaro vem forçando. E criticou a postura do ministro da Defesa, Walter Braga Netto.

“Embora não seja um político, está exercendo a função politicamente. Isso não é bom. Até porque dá a impressão de que ele (Braga Netto) tem poder de mobilizar o emprego das Forças Armadas para fins políticos, como deseja o presidente”.

Essas são, fundamentalmente, as razões pelas quais não apoiará Bolsonaro em 2022. “Embora eu não saiba dizer quem é a terceira via — o que será apontado pelas circunstâncias —, acho que todos que desejam o bem do Brasil precisam acreditar em um terceiro nome entre (o ex-presidente Luiz Inácio da Silva) Lula e Bolsonaro”, disse.

\*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi



**As instituições mais vocacionadas para mediar conflitos são as Forças Armadas. É como se elas fossem o lado fiel da balança, e por isso podem estimular o diálogo”**

Paulo Chagas, general da reserva